

ANO I NÚMERO 3

CADERNOS SESC DE CIDADANIA

Dia Mundial do Turismo

27 de setembro de 2010

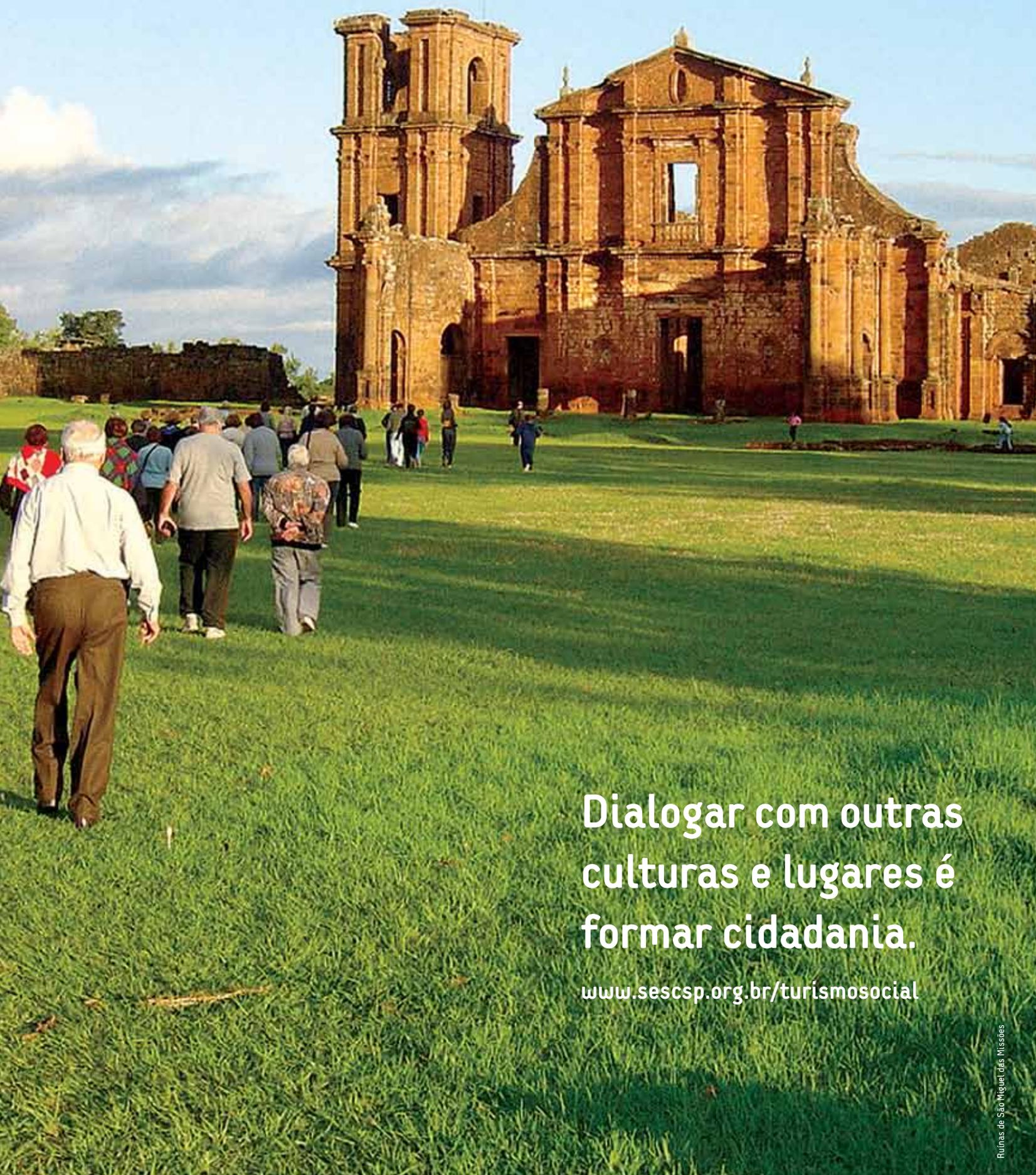


www.sescsp.org.br

SESCSP

Turismo e sociobiodiversidade { REPORTAGEM: Experiências de turismo sustentável mostram como a atividade pode ser transformadora para todas as partes envolvidas { LUGAR: No litoral de São Paulo, comunidade quilombola de Mandira explora o turismo com sabedoria { INTERVENÇÃO: Araquém Alcântara fotografa santuários ecológicos { ARTIGO: Moacyr Scliar fala do fascínio do homem pela viagem

TURISMO SOCIAL SESC SP



Dialogar com outras
culturas e lugares é
formar cidadania.

www.sescsp.org.br/turismosocial

TURISMO E BIODIVERSIDADE EM EQUILÍBRIO APONTAM PARA A SUSTENTABILIDADE

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional - SESC São Paulo

O DIREITO AO LAZER DOS TRABALHADORES É UMA DAS BANDEIRAS mais antigas do SESC-SP e remonta aos valores primordiais de sua criação em 1946. De lá para os dias atuais, os conceitos de lazer e turismo sofreram inúmeras transformações e o programa desenvolvido pela entidade, absorveu tendências e experimentou possibilidades diversas, sem nunca abdicar de suas ideias alternativas e conceitos fortemente embasados no caráter socioeducativo de suas ações.

Com os Cadernos SESC de Cidadania que contemplam o Dia Mundial do Turismo em consonância com as reflexões propostas pela Organização Mundial do Turismo (OMT), apresentamos um rico espaço de propostas, debates e experiências que estimulam uma abertura para interessantes formas de implantação, desenvolvimento e gerenciamento de ações no campo do turismo com respeito às questões mais urgentes da agenda global: desenvolvimento e preservação local, economia solidária e acesso ao turismo como forma de contato com a biodiversidade.

Se há uma relevante base econômica para muitos indivíduos em diferentes

instâncias sociais no campo do turismo, é fundamental trabalhar em todos os segmentos dessa cadeia: alertando para um equilíbrio respeitoso que preserve a biodiversidade e mantenha as comunidades em seu lugar de origem, isto é, aprimorando as condições para uma cultura de sustentabilidade. Outras questões importantes se colocam nos dias atuais: Como viabilizar o turismo urbano em cidades com patrimônios degradados? Onde buscar o fortalecimento de comunidades que desenvolvem manifestações culturais em risco de extinção? Por quê alavancar o turismo de base comunitária como ferramenta educativa e manutenção de áreas nativas?

Existem diferentes formas de articulação com base no turismo e o SESC-SP participa desse contexto oferecendo espaços para reflexão, apresentando propostas e experiências relevantes, mas, sobretudo, interagindo com o seu público prioritário para a consolidação de conceitos que vão além do imediato bem-estar individual, favorecem a qualidade de vida por meio de uma mudança de atitude, o que aponta para uma cultura global de sustentabilidade.

índice }

p.5 *artigo SESC*

Atividade turística deve ser pensada em sua totalidade, articulando as dimensões ambientais, humanas, sociais, culturais e econômicas

p.8 *reportagem especial*

A experiência de viagem no turismo sustentável não se encerra no aeroporto, perdura na transformação de mentes e comunidades

p.18 *intervenção*

O fotógrafo Araquém Alcântara registrou como ninguém a riqueza de santuários ecológicos do país

p.21 *notas*

Economia do turismo em São Paulo avançou quase 30% no semestre

p.22 *entrevista*

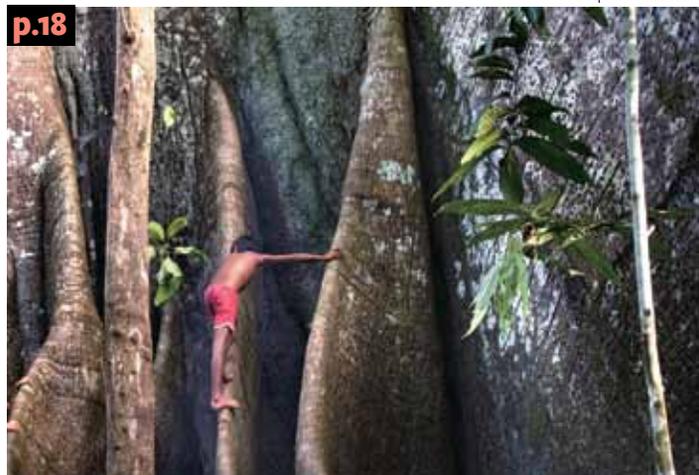
Marta Irving, pesquisadora e professora da UFRJ, diz que a qualidade do turismo no Brasil é pouco discutida

p.26 *lugar*

Comunidade quilombola de Mandira, no litoral sul de São Paulo, incentiva o turismo sustentável

p.32 *artigo*

O escritor Moacyr Scliar revisita o fascínio das narrativas de viagem



Expediente

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO **Administração Regional no** **Estado de São Paulo**

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES
COMUNICAÇÃO SOCIAL: Ivan Paulo
Giannini TÉCNICO-SOCIAL: Joel
Naimayer Padula ADMINISTRAÇÃO:
Luiz Deoclécio Massaro
Galina ASSESSORIA TÉCNICA E
DE PLANEJAMENTO: Sérgio José
Battistelli

Cadernos SESC de Cidadania **Dia Mundial do Turismo 2010**

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS: Hécio
Magalhães ASSISTENTES: Karina
Musumeci, Marilu Donadelli
e Ubiratan Rezende GERÊNCIA
DE PROGRAMAS SOCIOEDUCATIVOS:
Maria Alice Oieno de Oliveira
Nassif ADJUNTO: Flávia Roberta
Costa ASSISTENTES: Denise Miréle
Kieling, Leila Yuri Ichikawa e Silvia
Eri Hirao GERÊNCIA DE RELAÇÕES
COM O PÚBLICO: Paulo Ricardo
Martin ADJUNTO: Carlos Rodolpho
T. Cabral ASSISTENTE: Malú
Maia GERÊNCIA DE COMUNICAÇÃO
ADMINISTRATIVA: Antonio Carlos
Cardoso Sobrinho ADJUNTO: Elvira
de Fátima P. Troiano

EDIÇÃO DE CONTEÚDO E REDAÇÃO:
Renato Essenfelder PROJETO
GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE: Marcio
Freitas TRATAMENTO DE IMAGEM:
Gilmara Ruas

A Revista Cadernos SESC de
Cidadania é uma publicação do
SESC São Paulo.
Distribuição gratuita. Nenhuma
pessoa está autorizada a vender
anúncios.

Versão on line em www.sescsp.org.br

Gerência de Artes Gráficas
geatg@sescsp.org.br
Telefone 11 2607-8255

SESCSP
www.sescsp.org.br

Parte, deixa o ninho para se enriquecer com os costumes de outros lugares, aí ouvir palavras nunca antes proferidas. Expõe o corpo ao vento e à chuva, porque, para ser verdadeiramente educado, é preciso se expor ao outro, esposar a alteridade e renascer mestiço.

Michel Serres, filósofo francês

TURISMO SOCIAL

texto da Gerência de Programas Socioeducativos do SESC-SP

“PARA MIM, VIAJAR É ALIMENTAR A ALMA”. A DEFINIÇÃO, CITADA POR UMA frequentadora do SESC-SP, ajuda a resumir o que é o Programa de Turismo Social do SESC-SP.

Alimentar a alma, podemos entender, é o resultado de experiências que movimentam internamente nossos conhecimentos, valores, crenças, sentimentos. Em outras palavras, é a articulação de mente e corpo que se fazem inquietos diante do novo.

O novo, no contexto do Programa de Turismo Social, é apresentado a partir de vivências que oferecem aos participantes a possibilidade de desenvolvimento de suas habilidades intelectuais e físicas, de aquisição de conhecimentos e de interação entre os indivíduos, sempre por meio da oferta de produtos e serviços acessíveis ao seu poder aquisitivo ou adaptados a possíveis necessidades especiais do público. Tais vivências são planejadas a partir do foco no objetivo da atividade (e não somente no destino) e no desenvolvimento operacional ético e sustentável e destinadas a tornar o movimento turístico acessível ao maior número de pessoas possível. Por isso, para o SESC-SP, o turismo social é entendido como uma atividade inclusiva, pressuposta como plural, democrática e transformadora.

O desenvolvimento de suas ações vem se pautando nas últimas décadas a partir do aperfeiçoamento da ação socio-cultural no SESC-SP, praticada por meio de diversas linguagens. A primeira ação

aconteceu em 1948, com a inauguração do SESC Bertioga, um centro de hospedagem social localizado no litoral do Estado de São Paulo. Nessa época, não existiam no Brasil colônias de férias dotadas de instalações próprias, e o SESC Bertioga serviu como modelo para a criação de centenas de equipamentos similares em todo o país. Seu maior mérito, entretanto, foi o de inserir no cotidiano dos trabalhadores a questão do tempo livre e do lazer de férias numa época em que poucos se davam conta de sua importância para o bem-estar e o desenvolvimento social e cultural do indivíduo. Apenas 3 anos mais tarde, o SESC São Paulo deu início à sua programação de excursões rodoviárias.

Atualmente, também integram o conjunto de atividades de Turismo Social, oficinas, bate-papos, mostras e outras ações desenvolvidas que não envolvem deslocamento físico, mas que possuam as viagens e turismo como tema, proporcionando uma maior compreensão do ato de viajar, assim como de seus impactos positivos e negativos e da necessidade do desenvolvimento de uma relação harmoniosa com o local e a população visitados.

Dia Mundial do Turismo 2010

Desde 2006, as unidades do SESC-SP oferecem ao público programações comemorativas ao Dia Mundial do Turismo, anualmente celebrado pela Organização Mundial do Turismo (OMT, agência das Nações Unidas para o Turismo), no dia 27

A Gerência de Programas Socioeducativos do SESC-SP

responde pelas áreas de Diversidade Cultural, Educação Infanto-Juvenil, Educação para a Sustentabilidade e Turismo Social.



Ilustração Rodrigo Cunha

de setembro. A cada ano um tema é escolhido para orientar internacionalmente as comemorações, sempre de forma a colaborar para o alcance dos Objetivos do Milênio, estabelecidos pela ONU em 2000 como prioritários para a superação do que são considerados os principais problemas mundiais.

Em 2010, a OMT sugeriu que as comemorações buscassem a elevação da consciência da relação entre desenvolvimento turístico, conservação da biodiversidade e redução da pobreza, a partir da reflexão sobre a viabilidade de um turismo sustentável, caracterizado por sua capacidade de não apenas minimizar o impacto negativo sobre os ambientes, mas também impulsionar ações de suporte à salvaguarda do patrimônio natural e geração de riqueza para as populações envolvidas na atividade.

Pensar a manutenção da biodiversidade faz sentido especialmente no Brasil, uma vez que é considerado um dos países com a maior diversidade biológica do mundo. As diretrizes que orientam o tema foram definidas na Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio 92), um acordo

internacional do qual o Brasil foi o primeiro país a ratificar. A CDB tem como pilares a conservação da diversidade biológica, a utilização sustentável de seus componentes e a repartição justa e equitativa dos benefícios derivados do uso dos recursos genéticos.

Com a declaração que estabelece o ano de 2010 como o Ano Internacional da Biodiversidade, a questão da conservação do patrimônio natural tem ganhado projeção e passado por uma intensificação de ações.

No SESC-SP, o assunto entrou na pauta das ações comemorativas ao Dia Mundial do Turismo 2010 a partir do tema “Viagens na minha terra – turismo e sociobiodiversidade”. As Unidades do SESC-SP desenvolverão ações, de 17 de setembro a 3 de outubro, que busquem provocar a atenção do público para o universo das viagens e dos viajantes, tendo sempre como referência sua relação com o patrimônio natural dos destinos turísticos e, especificamente, o papel do turismo como possível agente de conservação da sociobiodiversidade, além de ajudá-los a refletir sobre a inclusão da perspectiva humana no ambiente natural e as relações socio-culturais ali inseridas.

Por sociobiodiversidade, o Programa de Turismo Social do SESC-SP entende um conceito ampliado com relação à simples diversidade de espécies, propondo que a diversidade biológica não esteja desconectada da diversidade cultural, assim como a natureza não esteja apartada da cultura. Isso porque há de se considerar que a participação humana nos ambientes naturais é antiga e extensa, produzindo uma relação de apropriação material e simbólica das populações tradicionais com relação ao natural – expressa nos variados tipos de manejo, que passam a caracterizar determinada riqueza biológica e identidade cultural. Dessa forma, como propõe Diegues (p. 309, 2005), a “biodiversidade é também fruto da cultura enquanto conhecimento que permite as populações tradicionais entendê-la, representá-la mentalmente, manuseá-la, transferir espécies de um lugar para outro e frequentemente, adensá-la, enriquecendo-a local e regionalmente”. Este conceito é dado como ponto de partida para as atividades comemorativas ao Dia Mundial do Turismo no SESC-SP, que buscam estimular a criticidade sobre o turismo em áreas naturais considerando o contexto social e cultural em que se inserem.

Ao refletir que as dimensões ambientais, humanas, sociais, culturais e econômicas se imbricam, perfazendo um todo, a atividade turística deve ser pensada também em sua totalidade. O ponto de partida para a preparação do destino deve sempre ser o planejamento turístico consolidado que, para o caminho da sustentabilidade, há de ser participativo e inclusivo. Neste ponto, o turismo de base comunitária apresenta-se como uma das formas de realização desse tipo de planejamento, ao atribuir à comunidade a decisão de se ter ou não a atividade turística como mobilizadora da economia local. É ela, portanto, o principal agente responsável pelo planejamento e gestão do turismo, desenvolvendo os serviços relacionados e se beneficiando da atividade como geradora de renda e promotora de desenvolvimento econômico e social.

Relacionar turismo e sociobiodiversidade é, também, compreender

que entre ambiente e comunidade se interrelacionam outros sujeitos, que produzem interferência sobre o lugar e a paisagem. São eles o poder público, os operadores de viagens e os viajantes que ativam a cadeia turística, formada por grande variedade de atores que propulsionam a economia do turismo.

Em número crescente, esses viajantes refletem respostas da sociedade contemporânea urbana ao cenário de distanciamento físico e afetivo do mundo natural. A busca por vezes idealizada de ambiente integralmente selvagem, desabitado e preservado, caracterizam um fenômeno social impulsionado pelo “mito moderno da natureza intocada” (Diegues, 1996), revelando um contraponto entre o que se busca – e aqui há de se observar a existência de um mercado mediador de sonhos e experiências e criador de demandas – e o que efetivamente se configura como destino turístico. Segundo Irving (p. 3, 2008), essas buscas “atendem aos sonhos dos imaginários urbanos, que ressignificam e transformam os recursos renováveis em sonhos de consumo contemporâneos”. Por isso a necessidade de trabalhar cuidadosamente com o viajante, da preparação ao retorno da viagem, na perspectiva de satisfação pessoal e no estímulo à adoção de sua postura como agente de conservação socioambiental.

No SESC-SP, essa forma de planejamento realiza-se por meio da animação sociocultural aplicada ao turismo. Significa não apenas tornar transmissível um conjunto de ensinamentos, mas propiciar uma série de vivências e contatos significativos. Implica estimular aptidões e habilidades por meio da interação entre pessoas, do contato com ideias novas, da aproximação com realidades diversas. Trata-se de um vasto processo educativo em andamento, fundamentado na informalidade, na livre escolha e na valorização da criatividade.

Assim, contemplados viajantes, comunidades e ambientes e especialmente a harmoniosa interrelação entre eles, pode-se seguir a passos mais seguros em direção a um possível caminho de sustentabilidade no turismo. ■

BIBLIOGRAFIA

- DIEGUES, Antonio Carlos Sant’ana. Sociobiodiversidade. In: Encontros e Caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores. Brasília: Ministério do Meio ambiente, 2005. p.309.
- DIEGUES, Antonio Carlos Sant’ana. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Hucitec, 3ª edição, 2001.
- IRVING, Marta. Ecoturismo em áreas protegidas: da natureza ao fenômeno social. In: Pelas trilhas do ecoturismo. São Carlos: RiMa, 2008. p.3
- SANSOLO, Davis Gruber. Turismo - aproveitamento da biodiversidade para a sustentabilidade. In: Turismo: o desafio da sustentabilidade. São Paulo: Futura, 2002.p.69.
- SESC-SP. Turismo Social no SESC-SP. Turismo para Todos. São Paulo: SESC-SP, 2007.

Flavita Valsani

DESCO



Turista observa a paisagem no Rio de Janeiro, um dos destinos mais visitados no país

ROTA DOS BRIMENTOS

texto: Carina Flosi

Muito além da correria e da mecanização de roteiros comerciais, a experiência do turismo pode ser encarada como uma atividade sensível, pedagógica e transformadora

Certa vez, durante uma viagem a Cubatão (SP), no início dos anos 1970, uma tempestade de chuva ácida atingiu a cabeça do fotógrafo Araquém Alcântara. Seu corpo foi tomado pela poluição líquida. Enquanto corria para se abrigar, percebeu que aquela poluição afetava as crianças – frequentemente vítimas de má formação de órgãos como o cérebro já no nascimento – e que a desgraça atingia, sobretudo, a comunidade local e miserável. Ali, naquela terra arrasada, o viajante deu seus primeiros passos na compreensão do que era sustentabilidade. Percebeu que as vidas dependem de uma terra sadia e que não há terra sadia sem bem-estar social.

A vivência que o fotógrafo viajante e sua lente registraram ele nunca mais esqueceu. “Aquele que mergulha na viagem do ver tem que estar sempre com as portas da percepção abertas. Sabe que, diante do eterno, precisa esquecer de si próprio. A criação é o que importa, gesto fundamental, caminho de conhecimento, poderosa arma de encontrar o mundo. A prática sempre renovada de contemplar humaniza a visão, anula verdades, permite a inventividade e realça o eu interior”, define Alcântara.

São essas experiências transformadoras que as viagens proporcionam que instigam, no Brasil, uma nova cadeia de desenvolvimento de roteiros conscientes, rotas que valorizam o modo de vida e a relação entre o homem e o seu meio.

O novo conceito que ganha dimensão nacional é fazer com que os turistas sintam-se acolhidos e, de alguma maneira, vinculados ao destino. A intenção é que eles não sejam vistos simplesmente como pessoas que vem e passam por atrações estáticas, monumentos diversos. Eles vivem uma história, criam laços com o destino escolhido e fazem com que o turismo seja de maior qualidade tanto para

quem recebe quanto para quem visita.

E são guiados por novos caminhos que fomentem o desenvolvimento socialmente justo, ambientalmente responsável e economicamente viável e equilibrado, favorecendo a geração de trabalho, renda e melhoria da qualidade de vida nos destinos turísticos. Em 2010, o Dia Mundial do Turismo aborda o tema turismo e biodiversidade – proposta que, no SESC-SP, foi ampliada para turismo e sociobiodiversidade.

Conforme lembra Danilo Santos de Miranda, diretor regional do SESC-SP o turismo é visto como um meio de educação não-formal, e o turista


Nos momentos
de lazer o turista
experimenta junto com
a sensação de bem-estar,
relaxamento e liberdade,
o reconhecimento do
seu papel como agente
contribuidor para a
conservação do meio e
trava um contato saudável
com a cultura local

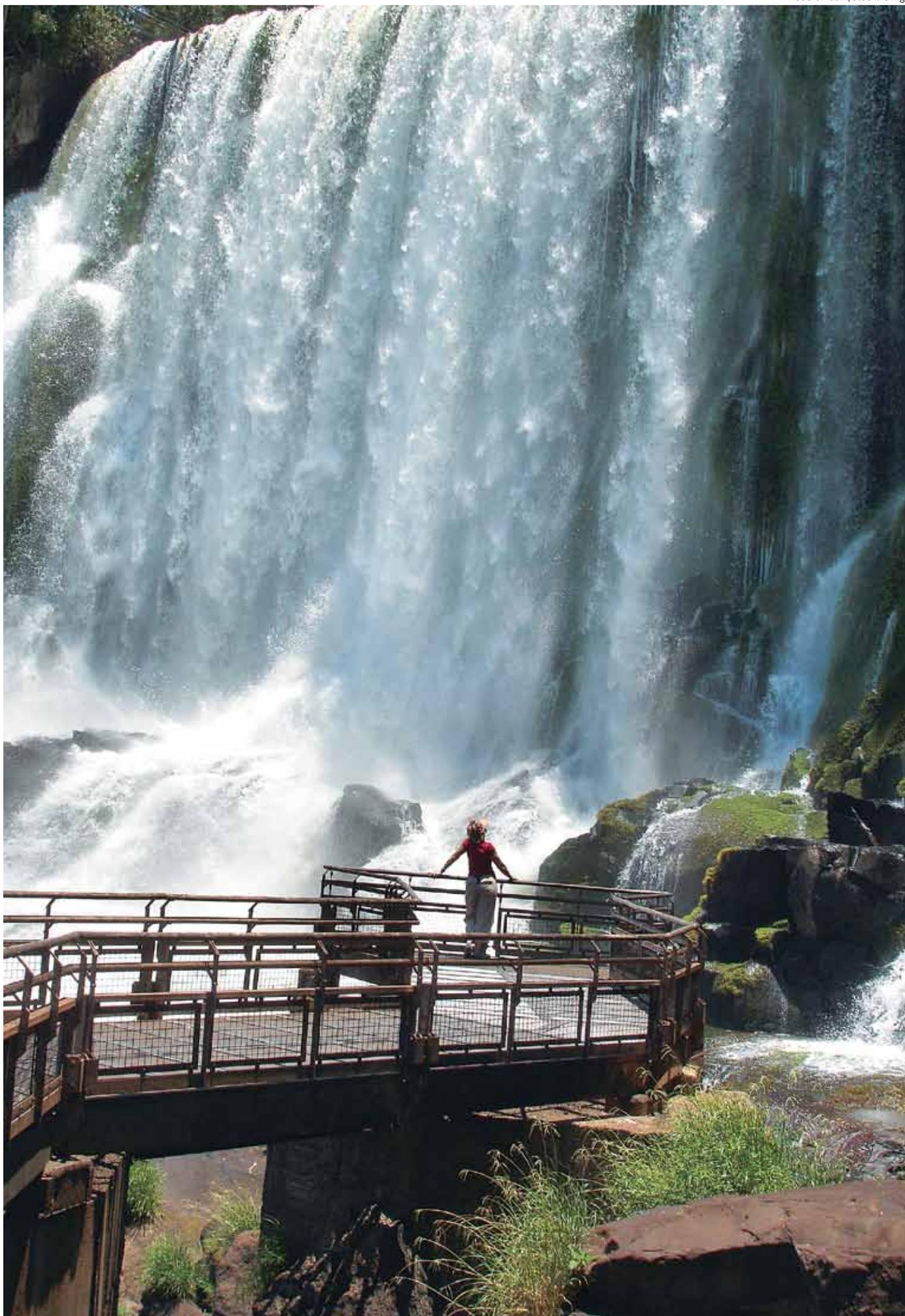

brasileiro já está fazendo sua lição de casa. “O nosso turista já viaja consciente de que suas escolhas contribuem para a conservação do ambiente, de sua qualidade de vida e das pessoas. A partir da premissa de que é necessário conhecer para preservar, ele já demonstra ter noções de sua responsabilidade ambiental”, avalia.

Em sua opinião, nos momentos de lazer o turista deve experimentar, junto com a sensação de bem-estar, relaxamento e liberdade, além do reconhecimento do seu papel como agente contribuidor para a conservação do meio ambiente, do relacionamento saudável com a natureza, com as comunidades e com a cultura dos destinos turísticos visitados.

Essas novas preocupações sobre o turismo nacional vão sendo disseminadas em políticas públicas por meio da Plataforma Global para o Turismo Sustentável do Ministério do Meio Ambiente, vinculada à comissão de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas e sob a coordenação executiva do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.

O objetivo estratégico do ministério é propor a adoção de uma política de sustentabilidade ambiental para o setor do turismo, promover o ecoturismo como atividade que valoriza e conserva espaços naturais, com partilha justa dos benefícios resultantes, e aprimorar os instrumentos – inclusive os legais – de planejamento, controle, educação e fomento para o turismo sustentável.

Pelo menos 20 países já integram o grupo de discussão sobre a atividade e estão engajados na implementação da plataforma. No Brasil, além do governo participam mais outras 20 instituições e ONGs da área de meio ambiente e do setor de turismo. “O turismo avança na busca pela melhoria de sua sustentabilidade. Isso implica um progresso em direção à adoção dos princípios do desenvolvimento sustentável”, explica Allan Milhomens, coordenador-geral do Programa de



As cataratas do Iguazu, em Foz do Iguazu, no Paraná, que atrai turistas do mundo inteiro

“O turismo é uma das mais viáveis alternativas para a promoção do desenvolvimento sustentável e pode contribuir para a conservação ambiental”

“No Brasil, não importa muito o rumo, o roteiro, é uma questão de experimentar, de se deixar sair da rotina, do óbvio. Nem precisa ser um lugar excepcional, cênico”

Apoio ao Desenvolvimento do Ecoturismo e à Sustentabilidade Ambiental (Proecotur), vinculado ao Ministério do Meio Ambiente.

Isso implica manter, valorizar e proteger os recursos, as paisagens naturais e sua diversidade biológica, que são a base essencial para o desenvolvimento sustentável do turismo, contribuindo para a sua manutenção em longo prazo. “Por essa via, o turismo é potencialmente uma das mais viáveis alternativas para a promoção do desenvolvimento sustentável, e, desse modo, pode contribuir positivamente para a conservação ambiental. Na medida em que utiliza de maneira responsável o patrimônio natural como matéria-prima do produto turístico, o turismo favorece o ordenamento de usos e espaços territoriais onde a atividade se desenvolve”, acrescenta ele.

Pressão positiva

Na formação do viajante, o turismo é um importante vetor para sensibilizar o turista sobre as questões que afetam o meio ambiente e a qualidade de vida das pessoas. “Turistas conscientes demandam produtos e serviços turísticos sustentáveis, e, portanto, atuam como força de pressão capaz de impulsionar essa oferta de produtos e serviços turísticos sustentáveis, o que certamente induzirá a cadeia produtiva do turismo a oferecer produtos e serviços compatíveis com os interesses de consumo dessa demanda”, argumenta Milhomens, do Proecotur.

Especialistas de diferentes áreas

que estudam os efeitos do contato direto do turista com o meio desconhecido afirmam que essa é uma forma atraente de proteger o ambiente natural e ao mesmo tempo aliviar o sedentarismo e o estresse humano é recolocar ambos em contato direto. “Assim, o prazer proporcionado pela convivência, onde o respeito e a preservação são fatores fundamentais para a própria existência de ambos, faz com que o homem, faça suas escolhas de vida baseado na situação em que se encontra”, reflete a cientista social Wanda Maldonado, diretora da Fundação Florestal.

No entanto, os estudiosos apontam que, quando se trata de sustentabilidade no turismo, todas as ações têm necessidade de ponderar causa e efeito de cada passo executado em um roteiro, numa avaliação e reavaliação constante de suas práticas, conduzindo para mudanças de atitudes e valores do viajante. “A função fundamental do turismo é a promoção da dupla transformação entre o turista e o morador local. Assim, quando o turismo agrega a cultura local, a comunidade percebe a sua cultura valorizada pelo outro. E, em geral, o visitante está aberto a essa experiência, ele absorve um novo modo de vida”, avalia a cientista.

Nas palavras de André Luís Soares, diretor de Pesquisa e Desenvolvimento do Ecocentro Ipec (Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado), o turismo é um complemento às atividades de educação e formação. “Além de trazer uma nova oportunidade





Christian Knepper/Embratur/Banco de Imagens do Ministério do Turismo



de renda para a comunidade e para a região, ele ajuda a complementar a missão de informar, educar e trazer o turista para contribuir com o cuidado e com a restauração do ambiente em que vivemos. Então esse turismo não é apenas uma visita a um lugar bonito ou a um atrativo interessante, mas também uma interação positiva que contribui para o turista e para a comunidade”, defende. O objetivo é que a cada visita o turista se torne um cidadão mais consciente porque percebe que é possível preservar e reaproveitar os recursos naturais.

Para a cientista social, mestre em ciência ambiental e professora da Ufscar (Universidade Federal de São Carlos) Andréa Rabinovici, o turismo, pelo fato de promover encontros entre pessoas, culturas e localidades diferentes, tem um rico potencial transformador. “No Brasil, não importa muito o rumo, o roteiro, é uma questão de experimentar, de se deixar sair da rotina, do óbvio. Nem precisa ser um lugar excepcional, de vista cênica. Conhecer e conviver um pouco o Brasil em sua enorme diversidade ambiental e cultural, a rotina dos brasileiros, sua arte, seus trabalhos, seus problemas e desafios e os ambientes naturais que possuímos e que são pouquíssimo conhecidos deveria ser uma experiência obrigatória, tal como um estágio, um intercâmbio prolongado com nossa sociobiodiversidade. Não tem como ficar igual, sair apático e conformado com nossas diferentes realidades, no que elas têm de belo e de desafiador. Viajar é isso, só falta a indústria turística entender para todos saírem ganhando”, resume.

No alto, vista noturna do horizonte paulistano a partir de um de seus cartões-postais, o Edifício Itália; ao lado, panorama de Florianópolis (SC) a partir do Morro da Cruz, com 450 m de altitude

“A conscientização apenas acontece quando os turistas e as comunidades se comprometem com mudanças no modo de pensar”

David Rego Jr./ Banco de Imagens do Ministério do Turismo



Artesanato em Manaus, no Amazonas; peças são influenciadas pela cultura indígena e feitas a partir de sementes, madeira, fibras vegetais etc.

“Se todos os atores sociais envolvidos com a atividade turística estiverem preocupados com a transformação dos indivíduos e da sociedade, os planejadores turísticos poderão, nos roteiros, dar mais espaço aos encontros entre visitantes e visitados, ao compartilhamento de suas rotinas e afazeres cotidianos, sem centrar as visitas nos atrativos turísticos mais comuns, que muitas vezes não significam nada para as pessoas das localidades. Podem também chamar a atenção aos caminhos percorridos, e não somente nos atrativos destacados, interpretando os múltiplos significados de cada aspecto cultural que seja desconhecido aos visitantes”, completa Andréa Rabinovici.

Na opinião dela, em qualquer segmento da atividade turística, desde

o turismo de base comunitária até o convencional, os planejadores e operadores devem dar maior espaço às experiências pessoais de contato com a natureza e entre as pessoas ao mesmo tempo em que busquem promover e provocar estes encontros através de vivências e atividades dirigidas – não se trata, portanto, de condenar a priori o turismo convencional, mas de buscar continuamente aperfeiçoá-lo para tornar a sua experiência mais e mais interessante e marcante.

“Isso se faz com criatividade, originalidade e sensibilidade, sempre aceitando os riscos e desafios que uma proposta inovadora pode promover. O ideal é sair da padronização e das armadilhas de uma prática extremamente comercial, tida como uma das grandes indústrias contemporâneas

e que está presa à lógica capitalista em sua forma, mas que tem a troca não comercial e a busca de conhecer o diverso, como pressuposto. Sendo criativo e livre, esse turismo é possível de ser aplicado e passa a ser viável para todos os grupos e classes sociais”, avalia a especialista.

Para César Haag, coordenador de socioeconomia do Programa Amazônia, da Conservação Internacional, somente por meio da compreensão da importância da biodiversidade local acontecem viagens responsáveis, que promovem a conservação da natureza ao mesmo tempo que fomentam o bem-estar da população local.

“A conscientização apenas acontece quando os turistas e as comunidades descobrem que podem assumir com comprometimento mudanças no

O Brasil tem 15 das 400 maiores

idades do mundo, com população superior a 1 milhão de habitantes. A Grande São Paulo é a quinta colocada, e o inchaço reflete no ritmo de vida.

David Rego Jr./ Banco de Imagens do Ministério do Turismo



Tucano em Miranda (MS), no Pantanal, que possui 250 mil km² e é considerado pela Unesco Patrimônio Natural Mundial e Reserva da Biosfera

modo de pensar”, diz. A Conservação Internacional-Brasil trabalha diretamente com as comunidades que habitam regiões de alta biodiversidade, ajudando a identificar e a desenvolver atividades econômicas que não degradem o meio ambiente, nem no curto nem no longo prazo.

“O turismo é uma atividade que surgiu como opção econômica para a região, e também como ferramenta para aliar o desenvolvimento regional à proteção ambiental. Não apenas o turismo de veraneio, mas uma atividade turística organizada e sustentável, que utiliza o patrimônio natural e cultural em benefício da comunidade local”, acrescenta Mario Mantovani, diretor de políticas públicas da Fundação Mata Atlântica, que mantém no Complexo Estuarino Lagunar de

Iguape-Cananéia-Paranaguá, conhecido como Lagamar, um dos primeiros pólos ecoturísticos do Brasil. O projeto possibilita às comunidades caiçaras o exercício de suas atividades dentro dos padrões culturais estabelecidos historicamente.

Pesquisa realizada por Zysman Neiman, professor da Ufscar e autor de uma tese sobre educação ambiental através do contato com a natureza, desenvolvida ao longo de 12 anos entre visitantes do Petar (Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira), mostra que todos passaram, de alguma forma, por experiências transformadoras nos seus contatos com ambientes e culturas conservados. “O contato com a natureza é efetivo em gerar atitudes e motivações ambientalistas. Muitos desses educadores foram apresentados

à questão ambiental através de um contato intenso com a natureza, daqueles que mexem e desviam-nos dos nossos rumos”.

Benefícios mútuos

Na partilha justa dos benefícios oriundos da atividade turística, como preconiza o Ministério do Meio Ambiente, as comunidades visitadas também devem sair ganhando.

No Ceará, a ONG Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri, premiada pela Unicef e pelo Ministério da Cultura, desde 1992 atua na formação de crianças e jovens protagonistas em gestão cultural por meio de seus programas de memória, comunicação, artes e turismo. Este último surgiu da necessidade de sistematizar ações para potencializar ganhos com



Frequentadores de parque em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul

o crescente fluxo de turistas que vão anualmente conhecer de perto a experiência da fundação. “Já recebemos mais de 30 mil visitas, nove vezes a população urbana da cidade de Nova Olinda [onde se concentra o projeto], numa intensa troca de experiências. Os turistas aprendem com as crianças, pesquisam em nossas salas de estudos e respiram um pouco de nossa cultura”, conta o coordenador da Fundação Casa Grande, Aécio Diniz.

Nesse programa foram criadas as pousadas domiciliares, onde os hóspedes ficam nas próprias residências dos meninos da Fundação. Com o reforço financeiro, os pais puderam investir melhor na educação dos filhos, tornando-se parceiros e defensores do projeto.

Bonito (MS) é outro exemplo interessante de como conciliar interesses

em prol do desenvolvimento mútuo. A preocupação ambiental é marcante em todos os passeios, a maior parte realizada em fazendas particulares. Na década de 1990, os fazendeiros perceberam que, além de criar gado, poderiam ganhar dinheiro com a exploração das belezas naturais de suas terras. Assim, adquiriram licença ambiental e passaram a investir em ecoturismo – o que incluiu a capacitação dos guias, que passaram a disseminar entre os turistas regras para manter o equilíbrio ecológico de cada atração visitada.

Foram criadas também Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs), nas quais são realizados planos de manejo e de monitoramento, além de ações de proteção do ecossistema. Praticamente todas as atrações limitam o número diário de visitantes.

Uma das mais famosas de Bonito, o Abismo Anhumas, a 23 quilômetros do centro, é um exemplo de acesso controlado. Por dia, apenas 22 pessoas podem conhecer o paredão rochoso de 72 metros localizado numa fenda no meio da mata. Preserva-se, assim, o patrimônio natural da região, que ao mesmo tempo perpetua a riqueza e estimula a criação de uma cadeia de valor que se estende das reservas aos monitores, agências, fazendas, hotéis, restaurantes, etc.

Homem e ambiente

Segundo o professor da Ufscar Zysman Neiman, a sociedade contemporânea em geral é carente do contato direto com a natureza. “O alerta para a provável escassez dos bens naturais despertou os indivíduos adormecidos às questões ambientais, que mais que



O Pelourinho, em Salvador, tombado como Patrimônio Mundial pela Unesco

depressa se viram motivados para conhecer esses atrativos antes que eles se esgotem. Isso transformou as paisagens e seres em ‘produtos’ e atraiu mercados”, postula.

Nesse sentido, o ecoturismo e o turismo de base comunitária funcionam como instrumento possível de aproximação entre o ser humano e o meio ambiente natural, auxiliando uma aprendizagem através da experiência e a promoção da busca de reformulações para os aspectos indesejáveis da vida cotidiana.

“A situação de contato pode ser aproveitada para incorporar a importância da conservação da natureza, de forma agradável e devidamente contextualizada”, completa Rabinovici. “O ambiente natural deixa de ter apenas valor utilitário ou comercial e passa a ter valor existencial. Da mesma maneira, o semelhante deixa de ser exótico e volta a ser humano: o espaço das diferenças não mais afasta, torna-se um espaço de aprendizagem.”

O turismo tem então o potencial de se transformar, nessa dimensão, uma profunda e instigante aventura. Educativa e transformadora. ■



O ecoturismo e o turismo de base comunitária funcionam como instrumentos de aproximação entre seres humanos e deles com o meio ambiente selvagem



intervenção

Ribeirinhos

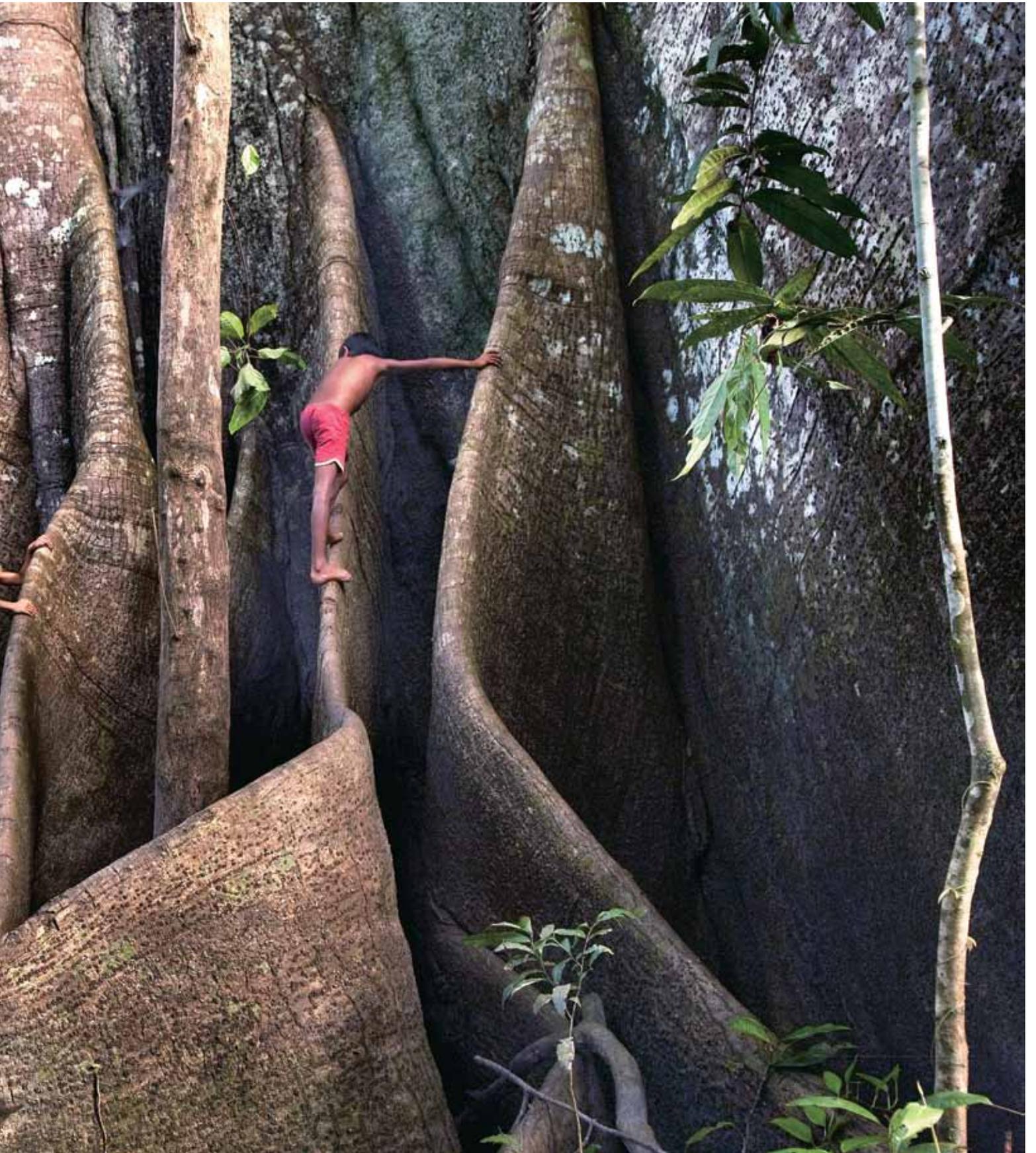
chromo, 35 mm, cor

Araquém Alcântara

59, fotógrafo catarinense
especializado em registrar a
biodiversidade brasileira

Crianças da comunidade ribeirinha de Caicubi, na região da Cabeça do Cachorro, no Estado do Amazonas, brincam entre enormes troncos de árvores. Imagem integra o imenso acervo do fotógrafo Araquém Alcântara, que desde os anos 1970 capta a riqueza da biodiversidade brasileira e já expôs o seu trabalho em revistas e museus de todo o mundo





Lente da natureza

texto: Carina Flosi

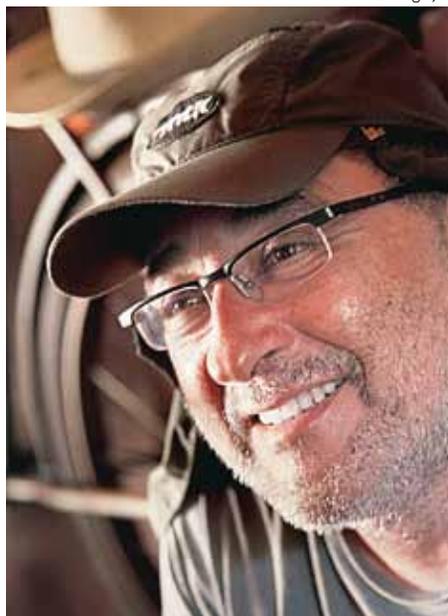
Mais de 300 mil quilômetros depois, entre idas e vindas a santuários naturais, o fotógrafo Araquém Alcântara mantém sua paixão pela árdua tarefa de registrar cenas da natureza. Autodidata, desde os 19 anos tinha “vontade intensa” de “encontrar o mundo” e viver em sintonia com o desconhecido. Justamente nessa época, quando

trabalhava como repórter em um jornal de Santos, no litoral paulista, descobriu a fotografia. “Estava tudo tranquilo, mas tinha um alvoroço dentro de mim e eu nem sabia. O dia em que tirei minhas primeiras fotos passei a me sentir parte do universo.”

Hoje, aos 59 anos e com 40 de carreira, o fotógrafo é considerado o pioneiro na documentação ambiental contemporânea. “Minha fotografia é engajada e busca transformação de forma humanista. O fotógrafo de natureza celebra a vida e o eterno, é um anjo da guarda de santuários, um conservacionista que luta e atua pela defesa do espaço com a sua fotografia.”

Araquém nunca teve professores. O autodidata, contudo, tornou-se um. “Hoje dou aulas para diminuir o tempo da busca pela fotografia, para que os jovens profissionais estejam, de alguma forma, prontos para a foto. Na mata você tem que virar bicho. Caso contrário, não fotografa nada. Ensino que o equipamento tem de ser uma extensão dos olhos.”

Em suas mais de 70 viagens para a Amazônia, paciência, perseverança e capacidade de contemplação estiveram ao lado das câmeras e equipamentos e foram determinantes para Araquém desvendar segredos das matas. Muitas vezes ele esperou horas, e até dias, até que a natureza entregasse a luz que ele



Divulgação

O fotógrafo Araquém Alcântara

queria para uma foto perfeita. “O sacrifício é constante. De repente você chega em um lugar depois de muita luta e chove torrencialmente. Sintetizar essa complexidade da natureza é um constante desafio. Não é uma fotografia fácil de fazer, mas está muito ligada a um grande prazer”, sintetiza.

Incansável, Araquém gosta de percorrer lugares virgens, onde ninguém pisou, para despertar conscientização

nas metrópoles. “A Amazônia é a minha matriz criativa, onde eu não me canso de cantar. Ali está todo o mistério, a grande maravilha da criação, mas o país ainda não entendeu isso. Muitas vezes me deparo com o horror, cenários desconcertantes. O que mais me impressiona é a triste desolação das carvoarias vomitando cortinas de fumaça, essa política ambiental ligada à corrupção, madeireiros ilegais que comandam um Estado paralelo. A minha busca sempre foi a de seduzir pela beleza, mas, ao ver quadros desoladores, chegou um momento em que percebi que tinha de mudar o tom”, conta.

Por isso, na ótica do fotógrafo, a arte de fotografar a natureza deve começar com o mote da salvação. “Acredito que, se a voz da floresta fosse ouvida, ela demoraria menos tempo para ser salva. Não quero só fazer belezas, mas mostrar a urgente necessidade de preservar a natureza do país. Por que estamos destruindo um dos maiores laboratórios e científicos da nossa civilização?”

Com essa ideologia, a fotografia de Araquém não se prende a bichos e paisagens e revela o brasileiro como verdadeiro dono da terra. “São nesses sertões que eu ando que encontro o centro da ecologia brasileira, pessoas sábias, amorosas, inocentes, que ainda não foram impregnadas pelo veneno da urbanização”, descreve.

Capim Dourado

Uma das experiências que Araquém cita como bom exemplo de sustentabilidade no Brasil foi a que encontrou na comunidade de Mumbuca, no Jalapão (TO), que produz peças de artesanato – hoje inclusive consideradas artigo de exportação – com o capim dourado.

Com parca infraestrutura, a comunidade transformou sua realidade com o capim dourado. Ele é usado para fazer bolsas, vasos, fruteiras e diversas outras peças. “O que aconteceu no Jalapão é o que sempre canto, celebro e divulgo. É a causa certa e correta da sustentabilidade, usar os benefícios com simplicidade e criatividade”, completa Araquém. ■

Wanderlei Celestino/Banco de Imagens do Ministério do Turismo



Memorial da América Latina, ponto turístico e cultural em São Paulo

ARRECADAÇÃO DE IMPOSTOS COM TURISMO CRESCE 30% EM SÃO PAULO

A economia do turismo na cidade de São Paulo cresceu quase 30% no primeiro semestre de 2010 em relação a igual período do ano anterior. Os dados são do Observatório do Turismo da Cidade de São Paulo, núcleo de estudos e pesquisas da São Paulo Turismo (SPTuris). No período, a arrecadação do Imposto Sobre Serviços (ISS) com a atividade somou R\$ 76,3 milhões, número recorde.

Outro dado significativo do levantamento

realizado pela prefeitura foi o resultado da pesquisa com 150 hotéis paulistanos. A taxa de ocupação média no primeiro semestre de 2010 foi de 66,33%, incremento de 13,65% sobre o resultado apurado em 2009.

Segundo o estudo, o aumento da taxa média de ocupação nos hotéis não foi resultado de diárias mais baratas. O valor médio atingiu R\$ 201,14 no primeiro semestre de 2010, 2,07% a mais do que o registrado em 2009.

CAPITAL SEDIA FÓRUM GLOBAL SOBRE TURISMO

São Paulo será sede do próximo fórum promovido pela Associação Mundial para a Formação em Turismo e Hotelaria, AMFORHT. O evento, que será realizado entre os dias 22 e 24 de setembro de 2010, visa promover a discussão de idéias e tendências, o intercâmbio de experiências e a integração entre instituições que se dedicam à formação na área de turismo.

Nesta edição, o tema do evento será “Turismo de Experiência e Formação Profissional”.

Informações: www1.sp.senac.br/hotsites/gd3/amforht/2010/home.htm.

BERTIOGA DEBATE NOVA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO

Está prevista para este mês de outubro a sexta reunião em Bertiooga para apresentar e discutir as propostas de criação do “Parque Estadual Restinga de Bertiooga”. Se criada, a nova unidade de conservação ficará sob responsabilidade da Fundação Florestal.

LEI DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO FAZ 10 ANOS

A lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) completou em julho 10 anos.

Nessa década, o mecanismo contribuiu para a preservação, gerenciamento e organização das áreas naturais protegidas do país, segundo avaliam a ONG WWF e especialistas. Uma das inovações mais relevantes foi a introdução de um mecanismo segundo o qual o poder público deve consultar a sociedade civil, especialmente a população local, antes de criar uma unidade de conservação.

Além disso, a lei estabeleceu penalidades aos infratores e reconheceu reservas particulares oficialmente estabelecidas.

As unidades de conservação podem ser divididas em dois grandes grupos: as de Proteção Integral, que têm por fim preservar a natureza e têm regras mais restritas, e as de Uso Sustentável, que buscam conciliar conservação com exploração racional e sustentável de parte dos recursos naturais.

Na internet

Ministério do Turismo: www.turismo.gov.br

Ministério do Meio Ambiente: www.mma.gov.br

Embratur: www.embratur.gov.br

Instituto Ecobrasil: www.ecobrasil.org.br

MARTA IRVING, PESQUISADORA DO EICOS (PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL) E DO INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM POLÍTICAS PÚBLICAS E ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO DA UFRJ

“Ainda se discute muito o número de turistas e pouco a qualidade do turismo”

texto: Carina Flosi

“Se o brasileiro não conhece o próprio país, como ele vai ter sensibilidade para querer um país diferente?”. É com esse questionamento que Marta de Azevedo Irving, especialista em desenvolvimento vinculado às relações sociedade-natureza, inclusão social e governança democrática, apresenta, nesta entrevista, sua avaliação de que, no Brasil, o conceito de turismo sustentável já está bem difundido, mas ainda no plano do discurso.

Para ela, essa noção ainda não é aplicada em políticas públicas, e a população ainda não incorporou a necessidade de promover e participar de um turismo nacional sustentável. No entanto, a professora do



A professora Marta Irving no Rio de Janeiro

Marco Fernandes/CoordCOM-UFRJ



Programa Eicos (Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social), na UFRJ, diz estar otimista, pois enxerga muito potencial em “ações isoladas”.

Ela aponta, a seguir, caminhos e oportunidades para o desenvolvimento do turismo sustentável e responsável no Brasil.

SESC Em sua opinião, o turismo, para ser sustentável, tem de ter baixo impacto ambiental, ter base na demanda local e trazer benefícios para a população do entorno. Esse turismo já existe no Brasil?

MARTA IRVING O turismo, interpretado como a atividade econômica que mais cresce no mundo, passa gradualmente a incorporar novos olhares de planejamento como resultado de seu



A Gruta do Lago Azul, em Bonito (MS), é apontada como um exemplo de turismo sustentável - a entrada de visitantes na atração é controlada

potencial gerador de emprego e renda, aporte de benefícios econômicos, sociais e ambientais e mecanismo para inclusão e transformação social.

No entanto, de maneira geral, no Brasil as estatísticas do turismo e o discurso oficial frequentemente expressam concepções idealizadas dos benefícios possíveis gerados pelo desenvolvimento turístico e tendem a mascarar ou minimizar os impactos socioambientais e culturais decorrentes desse processo.

Para mim, promover e praticar turismo de base sustentável requer, sim, um novo olhar sobre os problemas sociais, a diversidade cultural e a dinâmica ambiental dos destinos. É preciso que o mercado esteja atento às peculiaridades locais e às especificidades dos destinos turísticos e não se preocupe apenas com o turismo de massa.

“ Praticar turismo de base sustentável requer um novo olhar sobre os problemas sociais, a diversidade cultural e a dinâmica ambiental dos destinos ”

A sustentabilidade no turismo depende de uma concepção estratégica e duradoura de desenvolvimento, apoiada na interpretação interdisciplinar e integral da dinâmica regional, resultado de uma sinergia mutante, apoiada na noção de espaço material e imaterial, lugar concreto e abstrato, cenário de interações, conflitos e transformações, ponto de contato simbólico entre local e global.

Quais as expectativas futuras para o desenvolvimento do turismo sustentável no Brasil?

Acredito que a diversidade biológica não se limita ao mundo das plantas e animais, inclui também a diversidade cultural humana. A diversidade de culturas se manifesta em diferentes línguas, religiões, arte, música, tipos de manejo da terra,

estruturas sociais, dieta e seleção de cultivos, entre outras coisas.

No Brasil, ainda não é possível mensurar os resultados dos projetos de turismo sustentável ou de base comunitária, pois ainda não há critérios ou uma padronização estabelecida. O que vemos são ações isoladas e alguns tipos de iniciativas inovadoras, mas ainda predomina o turismo massificado, de grande escala, dirigido somente ao mercado. Ainda se discute muito o número de turistas e pouco a qualidade do turismo. Temos, sim, alguns exemplos que ilustram modelos de desenvolvimento turístico de base comunitária, influenciando o processo político e a ocupação do território.

Você poderia citar um exemplo bem-sucedido de turismo de base comunitária?

Na região Nordeste, o exemplo da Prainha do Canto Verde (leia mais à pág. 31), no Estado do Ceará, merece destaque. O local é habitado por uma comunidade tradicionalmente pesqueira, historicamente envolvida em sérios conflitos fundiários pela posse da terra. A beleza natural da região, associada ao modelo dominante de turismo de sol e praia no Estado, acabou por atrair de maneira agressiva a especulação imobiliária, e, conseqüentemente, os riscos de confronto e exclusão das populações locais.

A ação de formadores de opinião, com o apoio de entidades não-governamentais, iniciou então um processo de sensibilização de lideranças e captação de recursos. Como resultado, atualmente existe na comunidade um Conselho de Turismo que delibera sobre as questões de interesse e uso coletivo da área para fins de turismo sustentável.

No entanto, nós ainda não sabemos exatamente o resultado concreto dessa e de tantas outras ações disseminadas pelo país. A gente

“ O brasileiro ainda não tem consciência do Brasil como dele. No Sudeste, a gente fala da Amazônia como um Brasil distante. Por isso que enfatizo: no discurso até que estamos indo bem, mas a consciência ambiental ainda é muito pequena ”

discute muito, mas falha na hora de aplicar e mensurar os resultados do que está acontecendo.

Por que isso acontece?

O grande problema é que nunca ninguém avaliou os retornos do que está sendo feito de maneira sistemática. Falta avaliação para que as lições sejam aprendidas. Embora os dados sejam animadores, a médio e longo prazos são também incapazes de demonstrar a fragilidade do processo e os ilimitados desafios a serem vencidos.

Enfim, é tudo muito complexo, pois as tendências são promissoras e apontam para a revitalização, o fortalecimento progressivo e a consolidação do ecoturismo no Brasil em função da prioridade governamental dada ao setor, de maneira geral, e também em resposta aos desdobramentos das discussões técnicas, acadêmicas e do setor privado. No entanto, o ecoturismo no Brasil representa uma possibilidade ainda não transformada em realidade.

Qual o potencial desse ecoturismo e quais benefícios ele poderia trazer ao país no futuro?

Não será uma solução mágica para os problemas econômicos que o país enfrenta, mas poderá representar uma oportunidade excepcional para a conservação de recursos naturais, para a mudança de comportamento do homem urbano diante da natureza, para o exercício democrático da cidadania e para a melhoria de qualidade de vida no país, sendo respeitados valores éticos.

É possível então dizer que a sociedade brasileira está mais consciente e já reconhece os espaços protegidos de biodiversidade como patrimônio público, ou ainda há um distanciamento muito grande nesse sentido?

Na parte dos articuladores e agentes do turismo, eu chamaria a

atenção para uma recente iniciativa do Ministério do Turismo que abriu edital para receber propostas de turismo de base comunitária. O resultado foi surpreendente: mais de 600 projetos. No entanto, apesar da grande demanda, eles se apresentaram sem articulação estratégica, sem linhas de fomento estruturadas.

Existe uma apropriação dos termos “turismo comunitário” e “turismo sustentável” que veio sem padrão, critérios e questionamentos do envolvimento local da população. Essa é uma demonstração fiel de como o turismo sustentável é visto e vivido hoje no Brasil. Hoje, se eu disser “nós queremos transformar o Brasil em uma experiência de sustentabilidade”, o que teremos nas mãos será muito pouco e muito disperso.

E como se dá a dinâmica entre turistas e setor privado nesse sentido? O brasileiro quer turismo sustentável, o mercado oferece opções?

O conhecimento ou está no âmbito da academia ou das gestões públicas, e o setor privado tem se preocupado mais em ganhar dinheiro com estatísticas do que com qualidade. Assim, quando falamos em conscientização da sociedade, o que notamos é uma pequena mudança de comportamento. Os pacotes ainda dominam claramente, e a viagem ainda é muito cara, só para as elites.

O brasileiro ainda não tem consciência do Brasil como dele. No Sudeste, a gente fala da Amazônia como um Brasil distante. Por isso que enfatizo: no discurso até que estamos indo bem, mas a consciência ambiental ainda é muito pequena e banal, ainda mais quando se fala em turismo.

Quais são os futuros caminhos para que sejam, enfim, estabelecidas ações concretas nesse sentido?

Acho que o esforço e a sensibilização da sociedade para o turismo

“ Precisamos de muita vontade, de cabeças abertas para mudanças, de diferentes agentes sociais integrados, trabalhando em parceria para resolver e partilhar o turismo sustentável ”

sustentável são essenciais para a construção de novos paradigmas de desenvolvimento turístico envolvendo, além da capacitação das comunidades locais, o investimento nas potencialidades de uma região e a discussão dos riscos e benefícios que o turismo pode trazer para um determinado destino. Além disso, temas relacionados à educação, cultura e formas de organização social devem sempre estar incorporados à discussão para que as comunidades de destino possam se organizar e se qualificar para a gestão do turismo.

Para concretizar os benefícios sociais faz-se necessário um olhar mais atento às questões da participação da população no planejamento, na implementação e no monitoramento da atividade. Enfim, para que a proteção sustentável aconteça, as pessoas têm de entender o valor dessas áreas como patrimônio.

Como fomentar esse entendimento?

O distanciamento entre o turista, o trade e a população local precisa acabar. Precisamos de muita vontade, de cabeças abertas para mudanças, de diferentes agentes sociais integrados, trabalhando em parceria para resolver e partilhar o turismo sustentável. Com essa estratégia, a percepção do turista e de seu papel na seleção de destinos social e ambientalmente desejáveis vai aumentar de forma surpreendente.

Somente essa abordagem exigirá do trade turístico uma nova postura que privilegia a competitividade, mas também as especificidades das escolhas do turista e a qualidade do destino como um ambiente hospitaleiro e acolhedor que favorece encontros, formação de vínculos entre desconhecidos ou reforço de vínculos entre conhecidos, um lugar onde as pessoas e os grupos humanos estão em contato, onde se descobrem, gerando diversificação e riqueza de valores. ■

Destino preservado

texto: Juliana Borges
fotos: André Spínola e Castro

Todos os meses de novembro, por volta do dia 20 – data de comemoração da consciência negra – a comunidade de Mandira, um pequeno vilarejo caiçara do município de Cananeia, no litoral Sul de São Paulo, realiza a Festa da Ostra. Durante quatro dias, cerca de duas mil pessoas – entre moradores de povoados vizinhos e turistas

de todo o Estado – visitam esse pequeno povoado de 25 famílias para ouvir música típica, dançar e comer diferentes pratos preparadas com o molusco – cuja extração é a principal atividade econômica da região. No resto do ano, a comunidade recebe, em média, 100 visitantes por mês, principalmente estudantes, pesquisadores e universitários.

A comunidade é formada por uma igreja, uma construção simples de alvenaria em que funciona o centro comunitário e uma oficina de costura, canoas de pescador e algumas casas de madeira ou concreto espalhadas pela estrada de terra que corta a mata – nada muito diferente de outras tantas comunidades caiçaras do litoral de São Paulo e Paraná. O vilarejo não é exatamente o estereótipo de destino turístico – não há uma linda praia, um rio exuberante ou uma boa infraestrutura ao visitante. O grande atrativo do povoado não são as suas belezas naturais, mas justamente a história e o modo de

vida tradicional dos seus moradores.

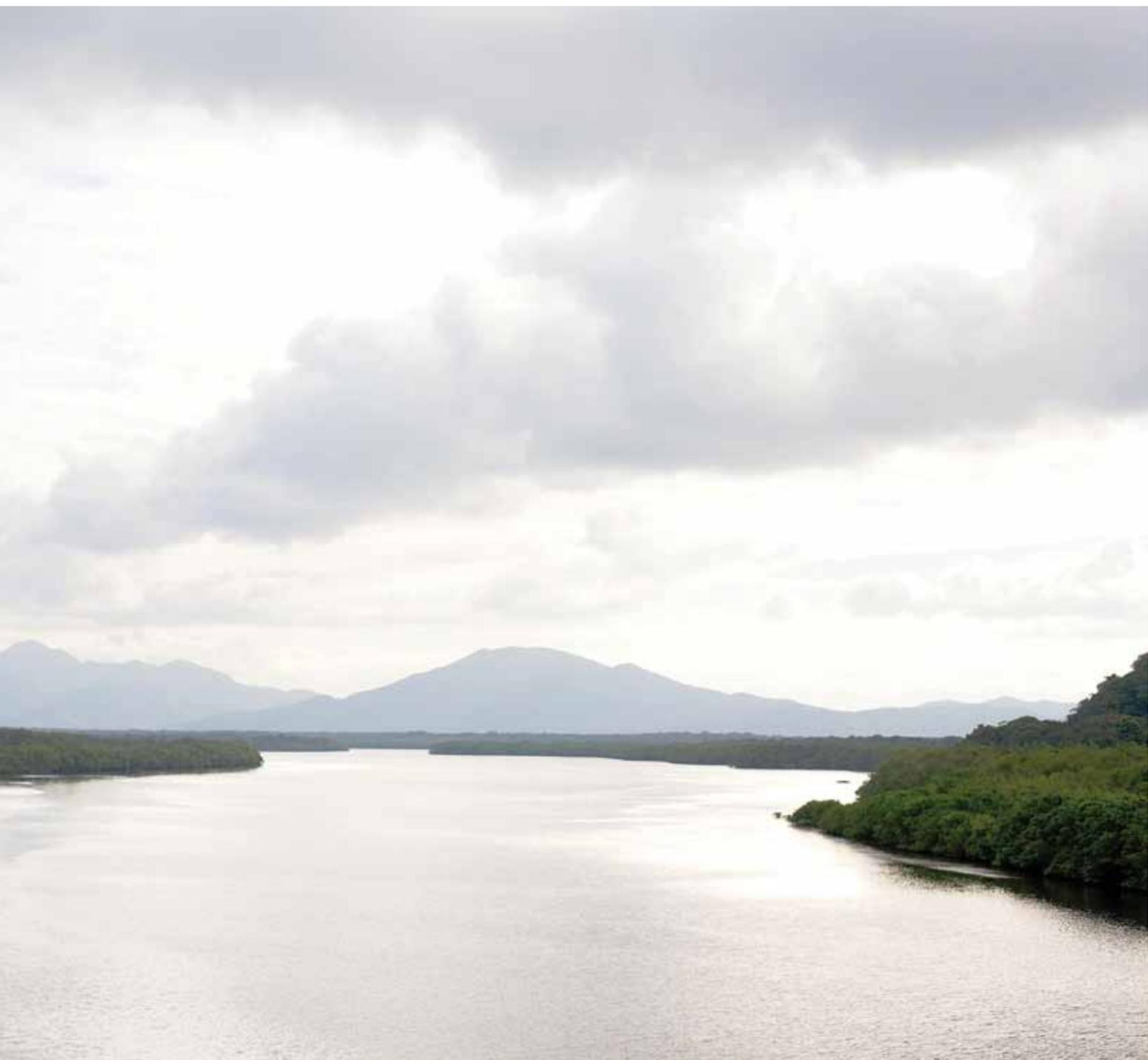
Mandira é um típico exemplo como o turismo de base comunitária pode ajudar a complementar a renda de uma comunidade tradicional sem descaracterizar seus hábitos e costumes. Nessa modalidade de turismo, os próprios moradores de um lugar, a partir da gestão coletiva, da transparência no uso e destinação dos recursos e na qual a principal atração turística é o modo de vida da população local. “A comunidade é proprietária dos empreendimentos turísticos e há preocupação em minimizar o impacto ambiental e fortalecer ações de conservação da natureza”, diz Cecília Zannotti, fundadora da organização social Projeto Bagagem, que trabalha para desenvolver essa atividade em diferentes localidades do Brasil. “É a única forma de turismo possível em uma área de preservação permanente.”

Os programas que são feitos em Mandira são os mais simples possíveis: conhecer o cultivo da ostra – hoje a



Os programas que são feitos em Mandira são os mais simples possíveis: conhecer o cultivo da ostra e a fabricação de farinha de mandioca, visitar as ruínas do antigo moinho, conversar com os moradores





Cananeia, no litoral sul de São Paulo, que abriga a comunidade quilombola de Mandira

principal atividade econômica da região – acompanhar ao processo de fabricação de farinha de mandioca, visitar as ruínas do antigo moinho dos tempos coloniais, almoçar na sede da associação de moradores ou participar de uma roda de conversa sobre a história da comunidade. “Somos caiçaras, mas de origem quilombola.” explica Nei Mandira, que coordena um programa de turismo comunitário na comunidade que já teve apoio da Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo. “É um povoado com uma história muito rica, que fornece um vasto material para o desenvolvimento de atividades pedagógicas

e culturais”, afirma André Stern, da Araribá Turismo, agência com sede em São Paulo que organiza viagens de estudo do meio para escolas. Há dois anos, a empresa organiza viagens com grupos escolares para Mandira.

O vilarejo nasceu em 1868, quando o patriarca da família, Francisco Mandira, filho bastardo de um senhor de engenho de nome Antônio Florêncio de Andrade com uma escrava chamada Tereza, herdou as terras do sítio, com cerca de 1 200 alqueires.

Francisco casou-se, teve filhos e netos, que acabaram povoando o vilarejo. Hoje, sete gerações depois, os Mandira já são mais de 300, sendo que

muitos deles migraram para outros povoados e cidades do país.

Para que o turismo comunitário funcione em uma comunidade tradicional, além de uma liderança comunitária forte, é necessário que ela seja uma atividade econômica complementar, e não a principal fonte de renda das pessoas. “É uma atividade que sempre vai ser sazonal e, por isso, não oferece perspectiva de renda durante o ano todo”, afirma o professor Antonio Carlos Diegues, pesquisador sênior do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras (Nupaub), da Universidade de São Paulo.

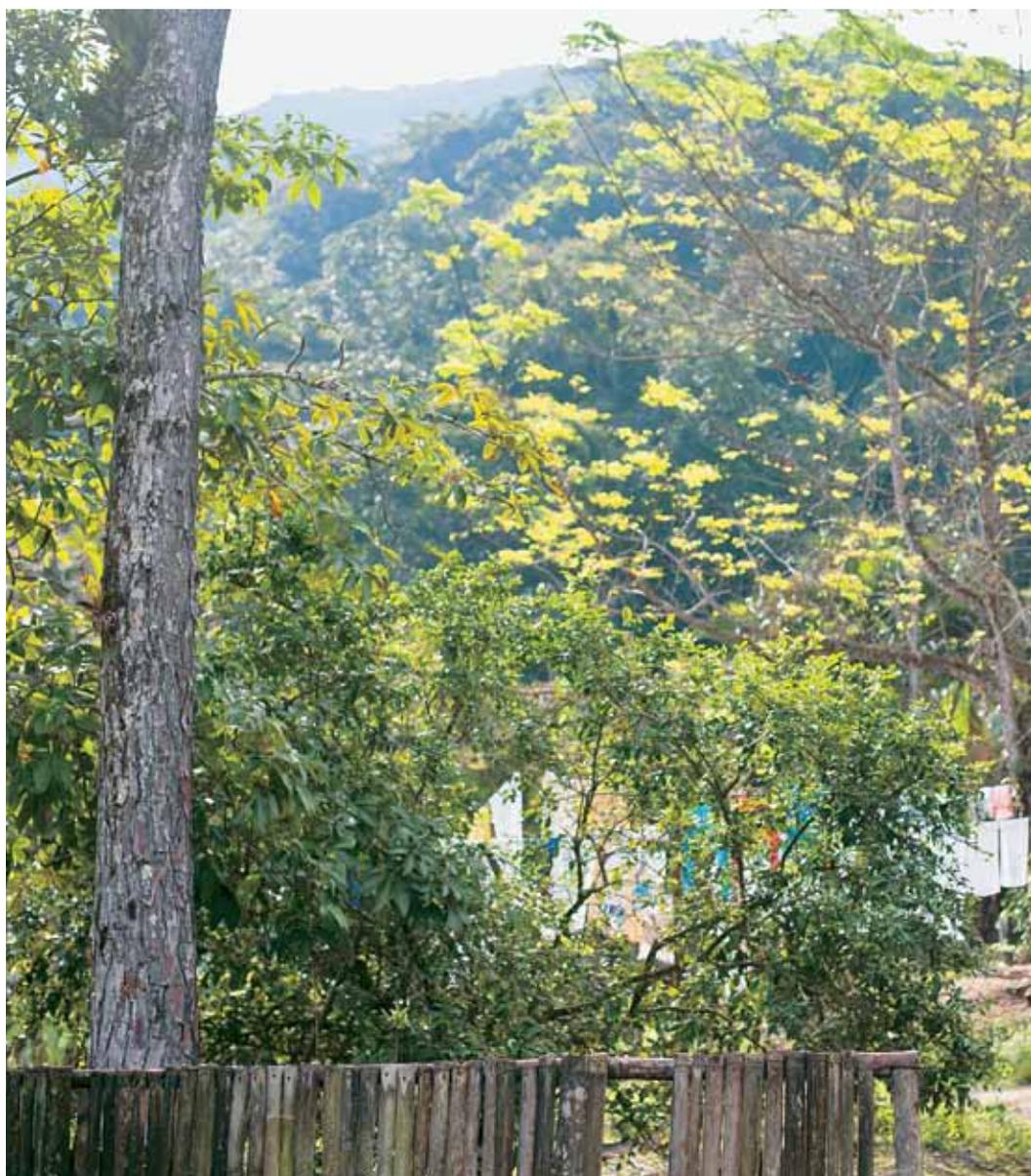
Em Mandira, essa atividade está dando certo porque boa parte da população tem outra forma de sustento. Hoje, cerca de 30 famílias desse e de outros povoados vivem da exploração da ostra. Durante várias gerações, ganhar a vida pegando ostras no mangue era um ocupação considerada pouco nobre pelos moradores do Mandira.

A pesca, a roça, a extração de cacheta (um tipo de madeira usada para fazer instrumentos musicais), produção da farinha o comércio ou qualquer outra atividade econômica era considerada mais digna do que afundar os pés e os braços no mangue para extrair o molusco e vendê-lo a um preço módico para atravessadores. “Era algo que ninguém queria fazer”, diz Francisco Mandira, conhecido como Chico, o líder comunitário local.

A situação começou a mudar em 1993, quando um projeto do Nupaub coordenado por Diegues escolheu o vilarejo como piloto para um projeto de criação comunitária de ostra em cativeiro. “Mandira tinha dois fatores essenciais para o sucesso do programa: liderança comunitária e algumas famílias que já extraíam ostra”, diz Diegues. Nesse ano, algumas famílias testaram uma técnica que retirava as “sementes” das ostras do mangue e as transportava para tanques de arame que ficavam submersos numa área próxima da comunidade.

O processo, além de evitar a degradação ambiental, faz com que o molusco tenha um ciclo de engorda de apenas quatro meses – menos de metade do tempo que uma ostra geralmente leva para crescer em condições normais. A técnica agradou os moradores da região e os incentivou a se mobilizarem para criar uma associação de moradores e uma cooperativa, batizada de Cooperostra.

Criada a cooperativa, o próximo passo foi a compra de um barco a motor para transportar a ostra de Mandira para Cananeia – o que leva cerca de uma hora de viagem – onde



Coletar ostras no mangue era uma atividade discriminada em Mandira. Quando o molusco começou a ser cultivado em cativeiro, o cenário mudou completamente



O líder comunitário Francisco Mandira



Cenas de Mandira, onde o cultivo de ostras, o artesanato, a fabricação de farinha de mandioca e o turismo de base comunitária, ambiental e socialmente responsável, coexistem para impulsionar a economia local

LÍDER COMUNITÁRIO TEVE O SEU TRABALHO PREMIADO PELA ONU

O principal líder comunitário do povoado tem o mesmo nome do patriarca da família: Francisco Mandira. O primeiro Mandira, filho bastardo de um senhor de engenho de nome Antônio Florêncio Andrade com uma escrava, herdou parte das terras de seu pai em 1868, fundando uma comunidade quilombola. Sete gerações depois, Francisco – ou Chico

Mandira, como é conhecido – foi o principal articulador de todas as conquistas do povoado. Ele tem 11 irmãos, sete filhos e seis netos. Ao contrário de muitos dos seus primos, que abandonaram Mandira nas décadas de 70 e 80, ele sempre acreditou que ficar na terra dos seus antepassados seria

a melhor alternativa e decidiu lutar para conquistar seus direitos e melhorar a qualidade de vida dos seus. Ele foi o primeiro presidente da Associação de Moradores do Mandira, criada em 1993. Teve papel essencial na valorização da atividade de coleta de ostra e na criação da Cooperostra. Encabeçou o processo de reconhecimento de Mandira como quilombola no Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

Em 2002, como reconhecimento do seu trabalho, Chico recebeu um prêmio no fórum Rio+10, organizado pela ONU em Johannesburgo, na África do Sul. A história de Mandira foi considerada uma das melhores iniciativas de desenvolvimento sustentável do mundo. Em 2009, o líder também esteve no maior evento ligado ao meio ambiente do mundo: a Cop16.

a mercadoria pode ser comprada. Esse foi um momento crucial para o sucesso da empreitada, já que o barco próprio elimina a necessidade de ter um atravessador para distribuir o produto. Com o tempo, a atividade foi atraindo a atenção de outros moradores e a cooperativa foi crescendo. Hoje, a Cooperostra tem 30 cooperados – 80% de Mandira e o restante de outros povoados – que, quando dedicam-se apenas a essa atividade. Hoje, a Cooperostra abastece restaurantes e hotéis do litoral de São Paulo, lojas da Rede Pão de Açúcar e a churrascaria Rubayat. “Nossa ostra tem origem de procedência e passa por um processo de depuração, diz Mário Batista Pontes, presidente da Cooperostra.

Até 2002, a atividade ainda não era legalizada. Explica-se: Desde 1969, toda a área do entorno de Mandira pertencia ao Parque Estadual de Jacupiranga. De acordo com a legislação ambiental do País, nenhuma área de proteção integral, como um parque nacional ou estadual, pode ser habitada ou sofrer qualquer tipo de interferência humana.

No entanto, assim como acontece na maioria das unidades de conservação brasileiras, essa determinação nunca foi cumprida na prática. Os moradores, que sempre viveram da terra, continuaram onde estavam, só que, em nome da preservação ambiental, passaram a ter uma série de restrições aos moradores: é proibido pescar grandes quantidades de peixe ou camarão, fazer qualquer tipo de roça ou caçar. Para quem vive numa comunidade pequena, sem comércio, com apenas uma escolinha de ensino básico e distante da cidade, essas atividades eram praticamente as únicas possíveis para garantir a subsistência. Nessa época, muita gente resolveu sair da terra dos seus antepassados e resolveu ir tentar a vida na cidade.

Mesmo com os impedimentos legais, a atividade de criação de ostra prosperou e começou a chamar a

atenção do poder público e de entidades ligadas ao meio ambiente como uma alternativa de proteção do meio ambiente com a participação da comunidade local.

Foi somente em 2002, depois de muita batalha da associação dos moradores de Mandira, o povoado conseguiu ver realizada uma antiga reivindicação: a região do entorno de Mandira foi transformada em reserva extrativista. Nesse tipo de unidade de preservação, não apenas é permitido que as populações tradicionais permaneçam em suas terras quanto a exploração econômica de forma sustentável



Em 2002, depois de anos de luta, a associação dos moradores de Mandira conseguiu que o local fosse transformado em uma reserva extrativista



é incentivada como uma forma de preservar o meio ambiente. “A lógica é que a natureza em pé tem mais valor que derrubada. Se uma comunidade pode depender da natureza sem devastá-la, ela vai protegê-la”, diz Diegues. Agora, a comunidade de Mandira está encampando uma nova batalha: querem ser oficialmente reconhecidos pelo Incria como quilombolas para poderem receber de volta a terra que pertenceu ao patriarca da família e que, hoje, está nas mãos de terceiros. “Tudo que conseguimos até hoje foi graças à mobilização da comunidade. Dessa vez não será diferente”, diz Chico Mandira. ■

RESERVA DA PRAINHA DO CANTO VERDE, NO CEARÁ, FAZ UM ANO

A areia clara da Prainha do Canto Verde, em Beberibe, no Ceará, a 120 km de Fortaleza, abriga uma bem sucedida experiência de turismo de base comunitária no Brasil. A reserva extrativista (resex) completou um ano em junho passado e hoje abriga 246 famílias que vivem basicamente da pesca e do artesanato conciliados à recepção organizada dos mais de 1.200 turistas que anualmente vão conhecer a região. “São pessoas que vêm para conhecer nossa cultura, fazer pesquisas, e, claro, descansar”, conta o coordenador da resex, Lindomar Fernandes.

Para Fernandes, a resex é uma conquista histórica da comunidade pesqueira, que, desde a década de 70, luta contra a especulação imobiliária e pelo

direito à terra. “Nosso objetivo sempre foi preservar o espaço para as futuras gerações, e hoje a população está mais forte e segura”, comemora.

O encontro cultural entre turistas e comunidade é promovido a todo instante na prainha. Em geral, os visitantes passam três noites no local, ficam hospedados nas próprias casas dos pescadores e trocam experiências. A cooperativa de turismo comunitário fomentada pela população local leva os visitantes a acessar os atrativos naturais de modo sustentável.

Enquanto os homens pescam e garantem a principal atividade financeira da região, as mulheres e jovens atuam com turismo e artesanato. Entre tantos passeios naturais possíveis na exuberante reserva, é possível navegar num catamarã à vela ou em jangadas de pescadores. “A partir de agora, ninguém mais vai poder se apossar destas terras.

É uma conquista muito importante pela qual tivemos que lutar durante muitos anos, mas o resultado chegou e agora é seguir em frente tentando consolidar as estratégias de sustentabilidade comunitária”, conta Fernandes.

Reservas

As resexs, regulamentadas por lei, são habitadas por populações tradicionais cuja subsistência é amparada no extrativismo, na agricultura familiar e na criação de pequenos animais. O objetivo das reservas é proteger os meios de vida e a cultura dos moradores locais, assegurando o uso sustentável de recursos naturais. Sendo de domínio público, mas com uso concedido às populações extrativistas tradicionais, as reservas não permitem áreas particulares em seus limites.

As unidades de conservação são fiscalizadas pelo órgão federal responsável e a visitação pública só pode ocorrer dentro dos interesses da comunidade e em conformidade com um plano de manejo que regule o uso e a exploração da reserva.

Mais informações:
www.prainhadocantoverde.org.br

“Nosso objetivo sempre foi preservar o espaço para as futuras gerações, e hoje a população está mais forte e segura. A partir de agora, ninguém mais vai poder se apossar destas terras. É uma conquista importante”

6

Destaques da programação do Sesc

Passeio: Expedição Caiçara (Ilha Diana - Santos, SP)

Unidades do SESC em Osasco (19/09), Santana, SP (25/09) e Santo André (02/10).

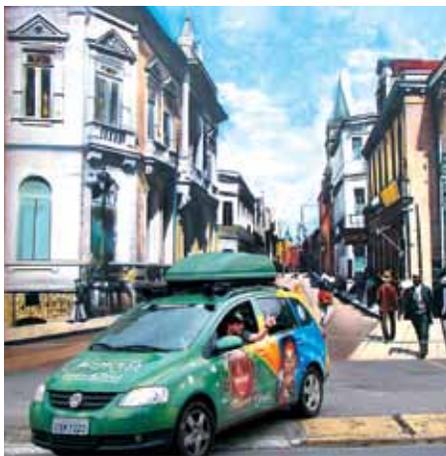
Informações sobre preços e inscrições antecipadas na Central de Atendimento de cada unidade.

As origens dos caiçaras, comunidades de pescadores do litoral de PR, SP e RJ, estão ligadas às raízes brasileiras e trazem várias influências culturais. A Ilha Diana, na confluência do Rio Diana com o Canal de Bertioiga, abriga uma comunidade baseada na pesca artesanal. Atualmente, a Ilha tem empregado o turismo como opção de geração de renda e de desenvolvimento econômico. Inclui caminhada orientada por moradores para conhecer os núcleos da comunidade, a fauna e a flora típicas dos manguezais. Almoço incluso.

Mesa-redonda: Turismo e Sociobiodiversidade

SESC Sorocaba. Av. Washington Luiz, 446. Vagas limitadas. Inscrições antecipadas na Central de Atendimento. Dia 28/9, terça, às 20h, na Biblioteca Municipal Infantil. Grátis. Inscrições antecipadas e informações na Central de Atendimento.

Debate sobre a relação entre turismo e sociobiodiversidade, os desafios relativos ao potencial turístico brasileiro e as necessidades de cuidado da sociobiodiversidade. Com Andrea Rabinovici, especialista em Turismo Ambiental e professora da Universidade Federal de São Carlos, Cadu de Castro, historiador e guia de turismo, e Tupã, índio Guarani M'byá da Terra Indígena do Rio Silveiras.



Encontro: Expedições Urbanauta

Unidades do SESC em Araraquara (23/9), Bauru (24/9), Rio Preto (25/9) e São Carlos (22/9). Grátis. Inscrições nas centrais de atendimento de cada unidade.

Relato das experiências vividas pelo auto-intitulado "urbanauta" Eduardo Fenianos, viajante contemporâneo que visitou de forma inusitada todas as capitais do Brasil. A bordo de um carro especialmente equipado para esta aventura e com um salário mínimo por mês, ele se propôs a conhecer um pouco da sociobiodiversidade do país, pernoitando cada noite em uma casa diferente.

Viagens: Lagamar – Cananéia e Ilha do Cardoso – São Paulo

SESC São José dos Campos. Av. Adhemar de Barros, 999. De 17/9 a 19/9. Inscrições antecipadas e informações na Central de Atendimento.

O Lagamar é um conjunto de Unidades de Conservação e áreas protegidas. Manguezais e ecossistemas associados à Mata Atlântica mostram ao visitante a transição entre a floresta e o mar. A cultura tradicional caiçara está presente na pesca, na culinária e no Fandango. A região também abriga Comunidades Quilombolas, como a de Mandira. O roteiro inclui visita a Cananéia e Ilha do Cardoso.

Veja a programação completa em www.sescsp.org.br

Fotos: divulgação



Fotografia: Fora da ordem: Fotografias da National Geographic

SESC Araraquara. Rua Castro Alves, 1.315. De 21/9 a 5/12. Terça a sexta, das 13h às 21h30. Sábados, domingos e feriados, das 9h30 às 18h. Em vários espaços da Unidade. Grátis.

A revista National Geographic foi criada há 120 anos com o intuito de ampliar e difundir o conhecimento sobre a terra, a água e o mar. Hoje, a publicação é reconhecida mundialmente e, em comemoração aos seus 100 anos no Brasil, o curador Eder Chiodetto selecionou imagens produzidas por alguns dos maiores fotodocumentaristas da atualidade.

Encontro: Cultura, meio ambiente e turismo: ações na Caatinga e Mata Atlântica

SESC Consolação. Rua Dr. Vila Nova, 245, São Paulo. Dia 7/10. 60 vagas. Grátis. Retirada de ingressos 1 hora antes. Inscrições na Central de Atendimento.

Encontro com Bete Canela, pós-doutoranda em Ecologia pela UFRJ, atuante em ações de educação ambiental, e Giovanni Seabra, pós-doutor em Geologia Sedimentar e Ambiental pela UFPE e coordenador do Projeto Turismo Sertanejo. Serão discutidos trabalhos em comunidades tradicionais de regiões com ecossistemas da Caatinga e Mata Atlântica.

RENOVANDO O TURISMO

Moacyr Scliar

HÁ UM ANTIGO FILME NORTE-AMERICANO, UMA COMÉDIA SEM MAIORES

pretensões, que tem contudo um título absolutamente fantástico: *If It's Tuesday, This Must Be Belgium*. Descreve uma speed tour, aquelas viagens de turismo que têm como objetivo mostrar às pessoas um máximo de coisas num mínimo de tempo: tirada a foto, vamos em frente, para a próxima atração. Resultado: lá pelas tantas os turistas nem sabem mais onde, exatamente, estão. E aí, “Se hoje é terça-feira, isto deve ser a Bélgica. Rápido, onde está a câmera?”

Viajar corresponde a uma aspiração do ser humano, explicando o fascínio despertado por obras como “As viagens de Marco Polo”. O relato das andanças do famoso aventureiro do século treze teve incontáveis edições e incendiou a imaginação de muita gente e estabeleceu um modelo para um tipo de literatura que sempre fez sucesso com os leitores; o norte-americano Paul Theroux, por exemplo, é muito conhecido pelos livros em que narra suas visitas a vários países. No passado, viajar era coisa para uns poucos aventureiros e/ou milionários, mas, com o tempo, tornou-se acessível a muitas pessoas, sobretudo de classe média. O hábito da viagem foi se generalizando e se diversificando. Os turistas tinham, e têm, objetivos diversos. Existem aqueles que vão em busca da beleza natural, como é o caso das cataratas do Iguaçu. Existem os que

querem ver monumentais construções do passado, como a muralha da China. Ou obras arquitetônicas como a catedral de Notre Dame. Ou a arte: os quadros e as esculturas que nos são mostrados nos museus de todo o mundo.

Tudo isso vale a pena. Mas se o objetivo do turismo é conhecer aquilo que para nós é novo, que não faz parte da experiência cotidiana, por que não renovar a própria maneira de fazer turismo? Por que não proporcionar às pessoas experiências que as surpreendam e que, ao mesmo tempo, representem um marco em suas vidas? Esta é a proposta do SESC para o próximo Dia Mundial do Turismo, comemorado no dia 27 de setembro. Este ano, as comemorações deverão destacar o papel do turismo na sociobiodiversidade brasileira.

Biodiversidade é uma palavra-chave num mundo que enfrenta graves problemas ambientais e no qual a extinção de espécies tanto animais como vegetais têm sido a regra, como decorrência de uma relação predadora de seres humanos com a natureza. Árvores são derrubadas ou queimadas, espécies animais são extintas, ecossistemas são destruídos. E o resultado aparece todos os dias no noticiário: o aquecimento global, as catástrofes ambientais.

O Brasil possui cerca de um quinto da biodiversidade do planeta: cerca de 5 mil espécies de vertebrados, cerca de 50 mil

Moacyr Scliar
é escritor. Autor de “Manual da Paixão Solitária” e “Histórias que os Jornais Não Contam”, entre outros.



Viajar corresponde a uma aspiração do ser humano, explicando o fascínio despertado por obras como “As viagens de Marco Polo”.

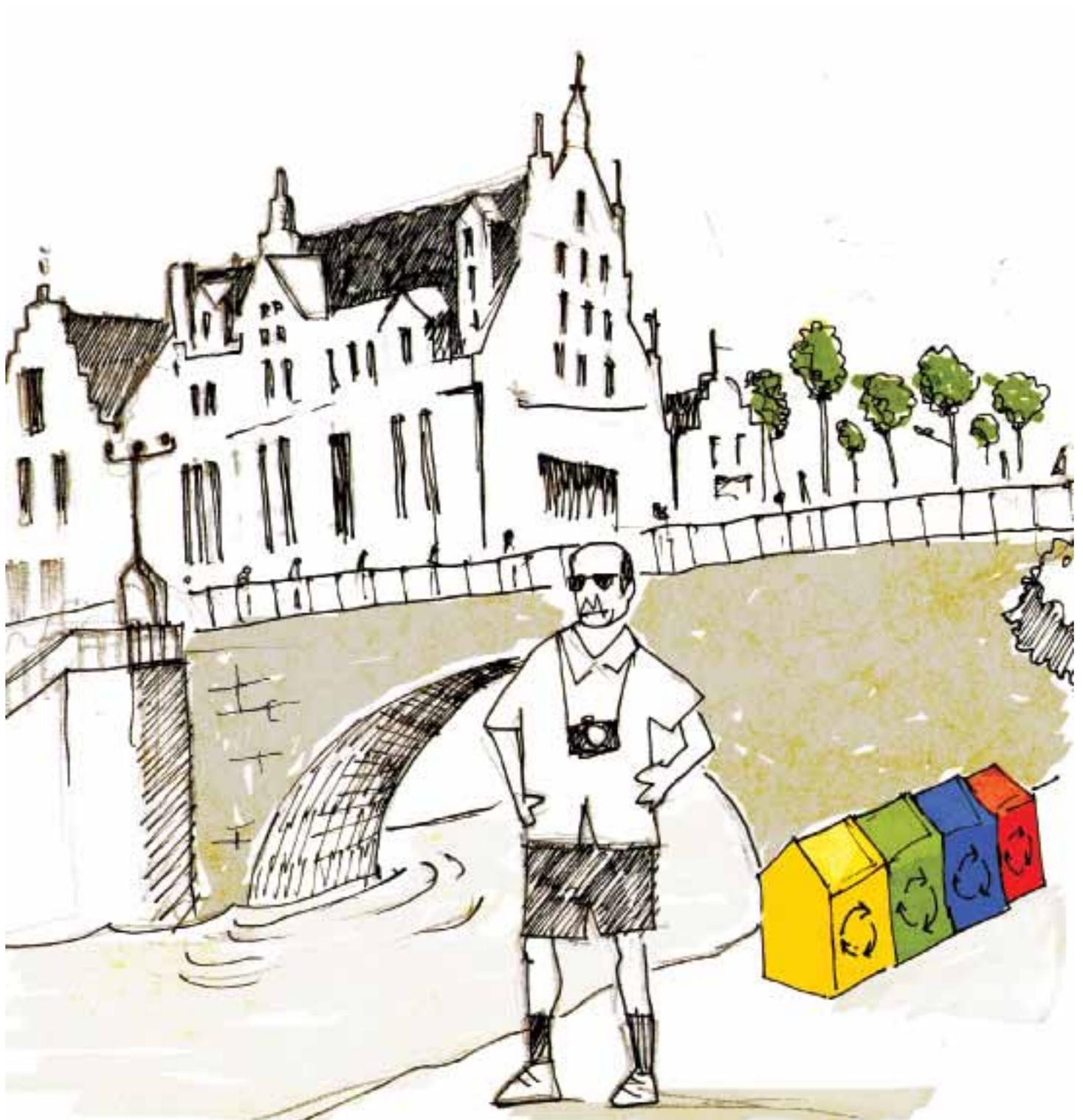


Ilustração Rodrigo Cunha

espécies de plantas, milhões de espécies de insetos. Uma natureza exuberante com um verdadeiro caleidoscópio de paisagens e de biomas: a Amazônia, o Cerrado, o Pantanal, a Caatinga, a Mata Atlântica, a Zona Costeira Marinha, o Pampa... Um patrimônio do país e da humanidade. Pode-se dizer que o futuro de nosso planeta depende, em grande parte, da capacidade de nossa gente de manter esta biodiversidade. Uma enorme responsabilidade, portanto, para a qual precisamos nos preparar, adquirindo consciência do problema e do que devemos fazer a respeito.

A questão da diversidade não se esgota apenas no plano biológico, natural. Existe também a diversidade sociocultural, igualmente importante. No Brasil a sociodiversidade resulta da existência de mais de 200 povos indígenas, de inúmeras comunidades tradicionais (quilombolas, extrativistas, agricultores familiares, pescadores), sem falar nos grupos étnicos como aqueles que se formaram em regiões de colonização. São pessoas que têm vivências diferentes, mas partilham conosco o mesmo país e a mesma fundamental condição humana.

A relação do turismo com a sociobiodiversidade pode ser muito importante por causa do chamado turismo de natureza, que engloba ecoturismo, turismo de aventura, turismo educacional ao ar livre, isto sem falar no turismo rural, realizado em fazendas em cujas atividades os turistas participam. Um precursor nesta área foi o norte-americano Henry David Thoreau (1817-1862), poeta, historiador, filósofo e naturalista que, aos 27 anos, foi morar

no meio da floresta, às margens do lago Walden. Ali construiu uma cabana e ali passou a viver, produzindo seu próprio alimento. Estava em busca, segundo suas palavras, “dos fatos essenciais da existência”, para que, quando morresse, não chegasse à conclusão de que “não tinha vivido”. Baseado em sua experiência escreveu “Walden; ou, A vida nos Bosques”, obra que fez extraordinário sucesso e que se tornou uma verdadeira referência no pensamento ecológico.

O turismo da natureza está em rápida expansão no mundo todo, o que é uma excelente notícia, mas que, ao mesmo tempo, traz certa preocupação. É preciso reconhecer que existe um tipo de turista capaz de causar graves danos naturais. São aquelas pessoas que, acampando espalham lixo pelo campo, poluem os cursos d'água; que destroem espécimes vegetais e animais; e que podem causar incêndios acidentais ou mesmo criminosos, capazes de destruir enormes extensões de mata nativa. Da mesma maneira existem pessoas que não respeitam os costumes das comunidades que visitam. Portanto, faz-se necessário um processo educativo capaz de mudar o próprio conceito de turismo, transformando-o numa atividade capaz de conectar aquele que a pratica com a natureza e com outros seres humanos. Neste sentido, a iniciativa do SESC é altamente oportuna e inteligente: se fazer turismo significa mudar de cenário, de modo de vida, se fazer turismo significa experimentar coisas novas, por que não começar esse processo de mudança em nosso próprio ser? Viajar não é só percorrer novos caminhos, novas trilhas; há também uma viagem interior, na qual podemos descobrir novos e insuspeitados valores dentro de nós mesmos. Para descobrir um novo mundo, Colombo precisou cruzar o oceano em precárias caravelas. Nós podemos fazer esta descoberta de maneira bem mais simples. Tudo o que precisamos fazer é dar o primeiro passo nesse novo caminho, um caminho que nos proporcionará surpresas, alegrias, e que certamente nos conduzirá a um Brasil melhor, a um mundo melhor.



Se fazer turismo significa mudar de cenário, de modo de vida, se fazer turismo significa experimentar coisas novas, por que não começar esse processo de mudança em nosso próprio ser?

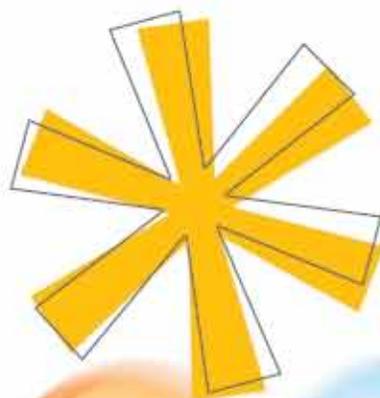


**Consumo consciente
e descarte responsável:
sua atitude é
transformadora!**



Energia:
ela liga você, sua família,
sua casa, sua escola, sua
cidade, seu país, seu planeta.

Descubra o universo da
Energia no **Sesc Itaquera**



ENERGIA



Divirta-se, aprenda e confira muito mais no site: www.sescsp.org.br/energia



SESCSP